

© Autonomia Literária, para a presente edição.
Copyright © 2017 by Mark Bray
First published in the United States by Melville House Publishing.



Coordenação editorial

Cauê Seignemartin Ameni, Hugo Albuquerque e Manuela Beloni

Tradução

Guilherme Ziggy

Revisão

A. Taira

Preparação

Cauê Seignemartin Ameni

Capa

Marina Drukman

Diagramação

Manuela Beloni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B827a Bray, Mark.
Anfitea: o manual antifascista / Mark Bray. – São Paulo (SP):
Autonomia Literária, 2019.

270 p. : 13 x 20 cm

ISBN 978-85-69536-50-5

1. Ciência política. 2. Fascismo. I. Título.

CDD 320.533

Elaborado por Maurício Amorimno Júnior – CRB6/2422

Autonomia Literária

R. Conselheiro Ramalho, 945

São Paulo - SP, 01325-001

autonomialiteraria.com.br

MARK BRAY

ANFITEA

O Manual Antifascista

Tradução
Guilherme Ziggy

AUTONOMIA LITERÁRIA

© Autonomia Literária, para a presente edição.
Copyright © 2017 by Mark Bray
First published in the United States by Melville House Publishing.



Coordenação editorial

Cauê Seignemartin Ameni, Hugo Albuquerque e Manuela Beloni

Tradução

Guilherme Ziggy

Revisão

A. Taira

Preparação

Cauê Seignemartin Ameni

Capa

Marina Drukman

Diagramação

Manuela Beloni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B827a Bray, Mark.
Antifa: o manual antifascista / Mark Bray. – São Paulo (SP):
Autonomia Literária, 2019.

270 p. : 13 x 20 cm

ISBN 978-85-69536-50-5

1. Ciência política. 2. Fascismo. I. Título.

CDD 320.533

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Autonomia Literária

R. Conselheiro Ramalho, 945

São Paulo - SP, 01325-001

autonomialiteraria.com.br

MARK BRAY

ANTIFA

O Manual Antifascista

Tradução
Guilherme Ziggy

AUTONOMIA LITERÁRIA



INTRODUÇÃO

Eu gostaria que este livro não fosse necessário. Mas alguém decidiu incendiar o Centro Islâmico de Victoria, no Texas, apenas algumas horas após o governo Trump anunciar que começaria a banir muçulmanos.⁴ Poucas semanas depois de uma enxurrada de mais de cem propostas de leis anti-LGBTQ no início de 2017, um homem arrebentou a porta e invadiu a Casa Ruby, um centro jurídico para transgêneros em Washington, agredindo uma mulher trans enquanto gritava “Eu vou te matar, sua bicha!”. No dia seguinte a eleição de Donald Trump, estudantes latinos da escola secundária Royal Oak, em Michigan, foram levados às lágrimas por seus colegas de sala enquanto estes cantavam “Construa o muro!”. E então, em março, um veterano supremacista pegou um ônibus para Nova Iorque para “alvejar homens negros”, esfaqueando até a morte um morador de rua negro, chamado Timothy Caughman. Neste mesmo mês, uma dúzia de lápides foram derrubadas e desfiguradas no cemitério judeu Waad Hakolel, em Rochester, Nova Iorque. Entre os que descansam no cemitério Waad Hakolel está a prima da minha avó, Ida Braiman, fatalmente assassinada por seu patrão meses após ter desembarcado da Ucrânia nos EUA, enquanto estava em

⁴ Nota do Editor: Em setembro de 2017, Trump emitiu um decreto que proíbe a entrada de cidadãos de 7 países - sendo 4 deles de maioria muçulmana - em território norte-americano.

um piquete junto de outros trabalhadores judeus da indústria vestuária em 1913.

A recente onda de profanações em cemitérios judeus no Brooklyn, Filadélfia e outros lugares, ocorreu sob o governo Trump, cuja declaração sobre o Holocausto omitiu quaisquer referências aos judeus, cujo secretário de imprensa⁵ negou que Hitler tivesse enviado pessoas para as câmaras de gás, e cujo principal conselheiro era uma das figuras mais proeminentes da notória direita antissemita norte-americana. Como escreveu Walter Benjamin no apogeu do fascismo entre guerras, “*nem os mortos estarão a salvo do inimigo, caso ele vença*”.⁶

⁵ N. do E.: Sean Spicer, ex-porta-voz da Casa Branca, disse, em abril de 2017, que Bashar al Assad era pior que Adolf Hitler porque este “não desceu tão baixo a ponto de usar armas químicas”.

⁶ Jim Malewitz, *Investigators: Fire that ravaged Victoria mosque was arson*, Texas Tribune, 8 de fevereiro de 2017: <https://www.texastribune.org/2017/02/08/investigators-fire-ravaged-victoria-mosque-arson/>; Mary Emily O'Hara, *Wave of Violence Hits LGBTQ Centers Across Nation*, NBC News, 13 de março de 2017: <http://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/wave-vandalism-violence-hits-lgbtcenters-across-nation-732761>; *Build that wall! Latino school kids reduced to tears by classmates pro-Trump chant*, RT, 11 de novembro de 2016: <https://www.rt.com/viral/366540-build-that-wall-schoolchant/>; Shawn Cohen et al., *White supremacist accused of murder says he came to NYC to kill blacks*, New York Post, 22 de março de 2017: <http://nypost.com/2017/03/22/white-supremacist-says-he-killedman-because-he-was-black/>; Daniel J. Solomon, *Trump Doesn't Mention Jews in Holocaust Remembrance Day Message*, *Fast Forward*, 27 de janeiro de 2017: <http://forward.com/fast-forward/361425/trump-doesnt-mention-jews-in-holocaust-remembrance-daymessage/>; Walter Benjamin, *On the Concept of History*: <https://www.sfu.ca/~andrewf/CONCEPT2.html>.

Apesar do ressurgimento da violência dos supremacistas brancos e dos fascistas pela Europa e EUA, muitos consideram que mortos e vivos estão a salvo por acreditarem que o fascismo está seguramente morto – para eles, o inimigo fascista perdeu definitivamente em 1945. Mas os mortos não estavam a salvo quando o primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi relatou “passar um tempo” nas prisões de Mussolini como “férias” em 2003, ou quando o político francês Jean-Marie Le Pen do partido *Front National* (Frente Nacional) disse em 2015 que as câmaras de gás nazistas eram “um mero detalhe histórico”. Neonazistas que nos últimos anos lotaram os antigos guetos judeus em Varsóvia, Bialystok e outras cidades polonesas com seus grafites de “poder branco” sabem muito bem que suas cruzes celtas visam tanto os mortos, quanto os vivos.

O antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot nos alerta que “... o passado não existe independente do presente... O passado – ou mais especificamente, o que passou – é uma posição. Portanto, de nenhuma forma nós podemos identificar o passado como passado”.⁷

Este livro leva a sério o terror trans-histórico do fascismo e o poder de conjurar os mortos a lutar novamente. Descaradamente, é um chamado *partisan* às armas que busca equipar uma nova geração de antifascistas com a história e teoria necessária para derrotar o ressurgimento da extrema-direita. Baseado em 61 entrevistas com atuais e antigos antifascistas de 17 países da América do Norte e Europa, ele procurará expandir nossa perspectiva geográfica e temporal para contextualizar a oposição a Trump e à

⁷ Michel-Rolph Trouillot, *Silencing the Past* (Boston: Beacon, 2015), p. 15.

extrema-direita dentro de um terreno de resistência muito mais amplo e abrangente. *Antifa – O Manual Antifascista* é a primeira história do antifascismo pós-guerra transnacional em inglês e a mais compreensível narrativa em qualquer língua. Seu argumento é de que o antifascismo militante é uma resposta razoável e historicamente informada à ameaça fascista que persistiu após 1945 e se tornou especialmente feroz nos últimos anos. Talvez você deixe esse livro de lado e não se torne um antifascista convicto, mas, pelo menos, terá entendido que o antifascismo é uma tradição política legítima que se desenvolveu a partir de um século de luta global.

O QUE É ANTIFASCISMO?

Antes de analisarmos o antifascismo, primeiro devemos examinar brevemente o fascismo. O fascismo é, talvez, mais que qualquer outro modo de política, notoriamente difícil de definir. O desafio em definir o fascismo decorre do fato que ele “começa como um movimento carismático” unido por uma “experiência de fé” em oposição direta à racionalidade e às restrições padrões da precisão ideológica.⁸ Mussolini explicou que seu movimento não “parecia amarrado a qualquer forma doutrinária particular”.⁹ “Nosso mito é a nação”, afirmou ele, “e a esse mito, a essa grandezza, nós subordinaremos todo o resto”.¹⁰

⁸ Emilio Gentile, “Fascism as Political Religion,” *Journal of Contemporary History* 25, no. 2/3 (May–June, 1990), p. 234.

⁹ Robert O. Paxton, *The Anatomy of Fascism* (New York: Vintage, 2004), p. 17.

¹⁰ Walter Laqueur, *Fascism: Past, Present, Future* (New York: Oxford University Press, 1996), p. 25.

Como argumenta o historiador Robert Paxton, os fascistas “rejeitam qualquer valor universal que não seja o sucesso dos povos escolhidos em uma luta darwiniana pela primazia”.¹¹ Até mesmo as plataformas partidárias que os fascistas propuseram no período do entre guerras eram geralmente distorcidas ou inteiramente descartadas quando as exigências da busca pelo poder faziam desses mesmos fascistas desconfortáveis companheiros dos conservadores tradicionais. A retórica fascista “de esquerda” sobre a defesa da classe trabalhadora contra a elite capitalista estava frequentemente colocada entre o primeiro de seus valores a ser descartado. No pós-guerra (Segunda Guerra Mundial), os fascistas experimentaram um leque de posições ainda mais vertiginosas, furtando livremente o maoísmo, o anarquismo, o trotskismo e ideologias à esquerda, ocultando-se em formas eleitorais “respeitáveis”, a exemplo do *Front National* francês e outros partidos.¹²

Concordo com o argumento de Angelo Tasca de que “para entender o fascismo, devemos escrever sua história”.¹³ Contudo, como essa história não será escrita aqui, uma definição terá que ser suficiente. Paxton define o fascismo como:

... uma forma de comportamento político marcado por uma preocupação obsessiva com o declínio, humilhação ou vit-

¹¹ Paxton, *The Anatomy of Fascism*, p. 20.

¹² Alexander Reid Ross, *Against the Fascist Creep* (Oakland: AK Press, 2017); Don Hamerquist et al., *Confronting Fascism: Discussion Documents for a Militant Movement* (Chicago: ARA, 2002).

¹³ Angelo Tasca, *The Rise of Italian Fascism 1918–1922* (London: Methuen, 1938).

mização da comunidade e por cultos compensatórios à unidade, energia e pureza, nos quais um grupo de militantes nacionalistas comprometidos, trabalhando em colaboração incômoda, mas eficaz com as elites tradicionais, abandona as liberdades democráticas e persegue com violência redentora, sem restrições éticas ou legais, suas metas de limpeza interna e expansão externa.¹⁴

Quando comparado ao desafio em definir o fascismo, entender o antifascismo pode parecer uma tarefa fácil à primeira vista. Afinal, literalmente, é a simples oposição ao fascismo. Alguns historiadores usaram essa definição literal e minimalista para descrever como “antifascista” uma ampla variedade de atores históricos, incluindo liberais, conservadores e outros que combateram regimes fascistas antes de 1945. No entanto, a redução do termo à mera negação obscurece a compreensão do antifascismo como um método de política, um lócus de auto identificação individual e de grupo, de um movimento transnacional que adaptou correntes socialistas, anarquistas e comunistas preexistentes a uma súbita necessidade em reagir à ameaça fascista. Essa interpretação política transcende a dinâmica de achatamento e redução do antifascismo à simples negação do fascismo, destacando suas bases estratégicas, culturais e ideológicas, das quais socialistas de todos os tipos emergiram.

No entanto, mesmo dentro da esquerda, debates foram travados entre muitos partidos socialistas e comunistas, ONGs antirracistas e outros que defendiam uma busca legalista por uma legislação antirracista ou antifascista

e aqueles que defendiam uma estratégia de ação direta e confrontação para desestabilizar as organizações fascistas. Essas duas perspectivas nem sempre foram mutuamente exclusivas, e alguns antifascistas optaram pela última opção após o fracasso da primeira, mas, em geral, esse debate estratégico dividiu as interpretações à esquerda sobre o antifascismo.

Este livro explora as origens e a evolução de uma ampla corrente antifascista que existe na intersecção da política socialista mais geral e da estratégia de ação direta. Essa tendência é chamada de “antifascismo radical” na França, “antifascismo autônomo” na Alemanha, e “antifascismo militante” nos EUA, Reino Unido e Itália. Esses são os antífas de hoje (a abreviatura de antifascista em muitas línguas).¹⁵ No coração da visão antifascista está uma rejeição da frase liberal clássica atribuída a Voltaire de que “desaprovo o que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo”.¹⁶ Depois de Auschwitz e Treblinka, os antifascistas se comprometeram a lutar até a morte contra a possibilidade de nazistas organizados falarem qualquer coisa.

Assim, o antifascismo é uma política nada liberal, é a revolução social aplicada ao combate à extrema-direita,

¹⁵ Entrevista com Dominic; <http://scalp-reflex.over-blog.com/>. Eu não foco no movimento antirracista institucional de organizações como o *SOS Racisme* ou organizações antifascistas formais afiliadas com partidos políticos como o *Unite Against Fascism*. Sobre o movimento antirracista europeu: Stefano Fella and Carlo Ruzza eds., *Anti-Racist Movements in the EU* (New York: Palgrave Macmillan, 2013).

¹⁶ Voltaire nunca escreveu isso. Essa frase é de um livro de 1907 sobre ele. Roger Pearson, *Voltaire Almighty: A Life in Pursuit of Freedom* (New York: Bloomsbury, 2005), p. 409, 431.

¹⁴ Paxton, *The Anatomy of Fascism*, p. 218.

não apenas aos fascistas literais. Como veremos, os antifascistas alcançaram esse objetivo de várias formas, desde cantar mais alto em comícios, ocupar os locais de reuniões fascistas antes que estes pudessem se instalar, semear a discórdia em seus grupos por meio da tática de infiltração, e até romper qualquer véu de anonimato, para atrapalhar fisicamente suas vendas de jornais, manifestações e outras atividades. Os militantes antifascistas discordam das perseguições e proibições do Estado contra políticas “extremistas”, em razão de sua política revolucionária antistatal, uma vez que tais proibições são frequentemente mais usadas contra a esquerda do que contra a direita.

Alguns grupos antifas são mais marxistas, enquanto outros são mais anarquistas e antiautoritários. Nos EUA, a maioria tem sido anarquista ou antiautoritário desde o surgimento da antifa moderna sob o nome de *Anti-Racist Action* (Ação Antirracista, ou ARA) no final dos anos oitenta. Até certo ponto, a predominância de uma facção sobre a outra pode ser percebida pelo logotipo na bandeira do grupo: se a bandeira vermelha está na frente do preto ou vice-versa (ou se ambas as bandeiras são pretas). Em outros casos, uma das duas bandeiras pode ser substituída pela bandeira de um movimento de libertação nacional ou uma bandeira negra pode ser emparelhada com uma bandeira roxa, para representar a antifa feminista, ou uma bandeira rosa para a antifa *queer* etc. Apesar de tais diferenças, os antifas que entrevistei concordaram que essas distinções ideológicas costumam ser incluídas em um acordo estratégico mais abrangente sobre como combater o inimigo comum.

No entanto, uma variedade de tendências existe dentro desse consenso estratégico mais amplo. Alguns antifas têm por foco destruir organizações fascistas, outros se concentram na construção do poder popular comunitário e na introdução da sociedade ao antifascismo através da promoção de sua visão política de esquerda. Muitas forças estão em algum lugar no meio desse espectro. Na Alemanha, na década de 1990, surgiu um debate no movimento antifascista autônomo sobre se a antifa era, principalmente, uma forma de autodefesa necessária por causa dos ataques da extrema-direita ou uma política holística, muitas vezes chamada de “antifascismo revolucionário”, que poderia formar a base de uma luta revolucionária mais extensa.¹⁷ Dependendo dos contextos locais e da política, a Antifa pode ser descrita como uma espécie de ideologia, uma tendência, ambiente, ou uma atividade de autodefesa.

Apesar dos vários tons de interpretação, a Antifa não deve ser entendida como um movimento único. Em vez disso, é simplesmente uma das várias manifestações da política socialista revolucionária (amplamente interpretada). A maioria dos antifascistas que entrevistei também dedica grande parte de seu tempo a outras formas de política (por exemplo, organizações de trabalhadores, ocupações, ativismo ambiental, mobilizações antiguerra ou trabalho solidário com imigrantes). De fato, a grande maioria prefere dedicar seu tempo a essas atividades mais produtivas do que arriscar sua segurança e bem-estar para confrontar neofascistas e supremacistas brancos. A Antifa age como um instrumento de autodefesa coletiva.

¹⁷ Entrevista com Dominic, março de 2017.

O sucesso ou fracasso do antifascismo militante depende, muitas vezes, de mobilizar uma camada mais ampla da sociedade para enfrentar os fascistas, como ocorreu tão notoriamente na Batalha de Cable Street,¹⁸ em Londres, em 1936, ou aproveitar de uma maior oposição social ao fascismo para afastar seus grupos e líderes emergentes.

No centro desse complexo processo de criação de opinião está a construção de tabus sociais contra o racismo, o sexismo, a homofobia e outras formas de opressão que constituem os alicerces do fascismo. Esses tabus são mantidos por meio de uma dinâmica que eu chamo de “antifascismo cotidiano” (Capítulo 6).

Finalmente, é importante não perder de vista o fato de que o antifascismo sempre foi apenas uma faceta de uma luta maior contra a supremacia branca e o autoritarismo. Em seu lendário ensaio de 1950, “Discurso Sobre o Colonialismo”, Aimé Césaire, escritor e teórico martinicano, argumentou convincentemente que o “hitlerismo” era repugnante para os europeus por causa da “humilhação do homem branco e do fato de [Hitler] aplicar à Europa procedimentos colonialistas que até então haviam sido

¹⁸ N. do E.: A Batalha de Cable Street aconteceu no domingo, 4 de Outubro de 1936 na rua Cable Street no bairro East End de Londres. Foi um confronto entre a Polícia Metropolitana, protegendo a marcha de membros da União Britânica de Fascistas, liderada por Oswald Mosley, e vários contra-manifestantes locais antifascistas, incluindo judeus locais, socialistas, anarquistas e grupos comunistas. A maior parte dos manifestantes percorreu um longo caminho até chegarem ao local do confronto. Sir Oswald Mosley havia planejado enviar milhares de integrantes da União Britânica de Fascistas uniformizados como os Camisas Negras para marchar pelo East End, que na época tinha uma grande população judaica.

reservados exclusivamente para os árabes da Argélia, os ‘coolies’ da Índia e os negros da África”.¹⁹ Sem diminuir de forma alguma o horror do Holocausto, até certo ponto podemos entender o nazismo como o colonialismo e o imperialismo que os europeus trouxeram de volta para casa. A dizimação das populações indígenas das Américas e da Austrália, as dezenas de milhões de pessoas que morreram de fome na Índia sob o domínio britânico, os dez milhões mortos pelo Estado Livre do Congo, do rei belga Leopoldo, e os horrores da escravidão transatlântica são apenas uma pequena parte das mortes em massa e da dizimação social forjada pelas potências europeias muito antes da ascensão de Hitler.

Os primeiros campos de concentração (conhecidos como “reservas”) foram estabelecidos pelo governo norte-americano para aprisionar populações indígenas, pela monarquia espanhola para conter revolucionários cubanos na década de 1890, e pelos britânicos durante a Guerra dos Bôeres na virada do século. Bem antes do Holocausto, o governo alemão cometeu genocídio contra os povos Herero e Nama, do sudoeste da África, por meio de campos de concentração e outros métodos entre 1904 e 1907.²⁰

Por essa razão, é vital entender o antifascismo como um componente solitário de um legado maior de resistência à supremacia branca em todas as suas formas. Meu foco no antifascismo militante não pretende, de modo algum, minimizar a importância de outras formas de organização

¹⁹ Aimé Césaire, *Discourse on Colonialism* (New York: Monthly Review Press, 1972), p. 36.

²⁰ Isabel V. Hull, *Absolute Destruction: Military Culture and Practices of War in Imperial Germany* (Ithaca: Cornell University Press, 2013), p. 8–85.

antirracista que se identificam com o anti-imperialismo, o nacionalismo negro ou outras tradições. Ao invés de impor uma estrutura antifascista a grupos e movimentos que se concebem de maneiras diferentes, mesmo que lutemos contra os mesmos inimigos com métodos semelhantes, irei me concentrar principalmente nos grupos que conscientemente se situam dentro da tradição antifascista.

Desde que a Segunda Guerra Mundial se tornou o emblemático drama moral do mundo ocidental, o antifascismo “histórico” conseguiu acumular um certo grau de legitimidade, apesar de ter sido ofuscado pelo papel definitivo dos exércitos aliados na derrota das potências do Eixo. Ainda assim, após a queda de Hitler e Mussolini, acredita-se que *razão de ser* do antifascismo tenha evaporado. Até certo ponto, essa rejeição ao antifascismo surgiu da tendência ocidental de interpretar o fascismo como uma forma extrema de “mal”, a qual qualquer um que abaixe sua guarda moral pode estar sujeito – em oposição à interpretação similarmente distorcida do bloco soviético sobre o fascismo como “a ditadura terrorista do mais reacionário... elementos do capital financeiro”.²¹ Depois que 1945 foi consagrado como a ruptura terminal com um período aberrante de “barbárie”, essa interpretação individualista e moral do fascismo descartou a necessidade da existência de movimentos políticos para se oporem, de maneira vigilante, à organizações de extrema-direita.

²¹ Paxton, *The Anatomy of Fascism*, p. 8.

Em outras palavras, uma vez que o fascismo foi entendido quase inteiramente em termos apolíticos e morais, qualquer semelhança de continuidade entre a política de extrema-direita e sua oposição ao longo do tempo foi rejeitada. A história é uma tapeçaria complexa costurada por fios de continuidade e descontinuidade. Elementos de continuidade são enfatizados quando servem a interesses estabelecidos: a nação é eterna, o gênero é imutável, a hierarquia é natural. No entanto, elementos de descontinuidade são enfatizados na memória popular da luta social. Uma vez que os movimentos sociais e suas principais figuras conquistam poder suficiente para estabelecer sua legitimidade, seus legados históricos são destruídos de suas tendências radicais e embalsamados em um fórmol a-histórico descontextualizado.

Por exemplo, como organizador do *Occupy Wall Street* em Nova Iorque, achei difícil explicar aos jornalistas como o movimento era apenas uma extensão das políticas e práticas do *Global Justice Movement*,²² do movimento feminista, movimento antinuclear entre outros. Uma das conquistas mais importantes do *Black Lives Matter*²³ foi o grau em que seus organizadores conseguiram conectar suas lutas aos movimentos de libertação negra dos anos 60 e 70. De todas as lutas sociais recentes, o antifascismo enfrenta, talvez, o caminho mais difícil para se estabelecer como uma extensão com mais de um século de luta contra a supremacia branca, o patriarcado e o autoritarismo.

O antifascismo é muitas coisas, mas talvez, mais fundamentalmente, seja uma discussão sobre a continuidade

²² Nota do Tradutor: Movimento para a Justiça Global.

²³ N. do T.: Vidas Negras Importam.

histórica entre diferentes eras de violência da extrema-direita e as muitas formas de autodefesa coletiva que foram exigidas em todo o mundo ao longo do século passado.

Isso não quer dizer, no entanto, que o século passado do antifascismo tenha sido uniforme. O antifascismo no entre guerras diverge de maneiras importantes dos grupos antifas que se desenvolveram décadas depois. Conforme explico no Capítulo 1, dada a magnitude da ameaça fascista, o antifascismo deste período era muito mais popular. Em parte, isso resultou de uma conexão mais forte entre o antifascismo militante e a esquerda institucional anterior a 1945, em comparação com o antagonismo entre a Antifa mais contracultural dos anos 80 e 90 e o antifascismo governamental “oficial”. Como veremos, as estratégias e táticas da Antifa no pós-guerra (explorada no Capítulo 2) foram amplamente calibradas para o ressurgimento de organizações fascistas em potencial, não apenas um partido de massas ascendente.

Mudanças culturais e avanços nas tecnologias de comunicação alteraram a forma como os antifascistas se organizam e se apresentam ao mundo. À nível material e cultural, o antifascismo funcionou e apareceu de formas diferentes em 1936 e 1996. Todavia, o compromisso antifascista de eliminar o fascismo por qualquer meio necessário conecta o italiano *Arditi del Popolo* do início da década de 1920 com os kickboxers skinheads anarquistas de hoje em dia.

Esse elemento de continuidade sustenta o antifascismo moderno. Nas últimas décadas, os antifas adotaram, conscientemente, os símbolos antifascistas do período entre guerras, como as duas bandeiras da *Antifaschistische Aktion*, as três flechas da Frente de Aço, e a saudação com o

punho cerrado. Um jovem RASH (Red And Anarchist Skinheads) de Munique chamado Georg me explicou como é constantemente inspirado pela memória de figuras de resistência, como Hans Beimler, Sophie Scholl e Georg Elser, que, segundo ele, ainda assombram as ruas de sua cidade.²⁴ Não se pode nem passar por uma manifestação antifas em Madrid sem ouvir os slogans de 1930 “*No Pasarán!*” (Não passarão!) e “Madrid será o túmulo do fascismo!”²⁵. A organização partidária italiana ANPI reafirmou essa continuidade quando incluiu David “Dax” Cesare entre seus mártires antifascistas, depois de ter sido morto por neonazistas em 2003. O slogan “nunca mais” exige que reconhecemos que se não estivermos vigilantes, isso pode acontecer novamente. Impedir que isso aconteça, argumentam os antifascistas, exige que tiremos o antifascismo de sua gaiola histórica para que suas asas possam se abrir através do tempo e espaço.

Os historiadores desempenharam seu papel ao cimentar a divisão entre o antifascismo “heroico” do período entre guerras e os grupos antifas “triviais” e “marginais” das últimas décadas. Além de alguns trabalhos sobre o antifascismo britânico nos anos 1970 e 80, os historiadores profissionais não produziram quase nada em inglês sobre os desdobramentos no pós-guerra.²⁵ A maioria esmagadora

²⁴ Entrevista com Georg, maio de 2017.

²⁵ Dave Renton, *When We Touched the Sky: The Anti-Nazi League 1977-1981* (Cheltenham: New Clarion, 2006); Nigel Copsey, *Anti-Fascism in Britain* (London: Routledge, 2017). Relatos de militantes incluem: Dave Hann, *Physical Resistance: Or, a Hundred Years of Anti-Fascism* (Winchester: Zero Books, 2013); Sean Birchall, *Beating the Fascists: The Untold Story of Anti-Fascist Action* (London: Freedom, 2010); M. Testa, *Militari-*

dora dos estudos sobre o antifascismo pós-guerra se concentrou nas questões de memória histórica e celebração, reforçando implicitamente a tendência de relegar as lutas contra o fascismo ao passado. Embora haja um corpo relativamente amplo de literatura em língua alemã sobre antifascismo na Alemanha do pós-guerra, e um punhado de estudos nacionais e teses acadêmicas sobre antifascismo na França, Suécia e Noruega em seus respectivos idiomas, até onde sei, o outro único livro sobre antifascismo pós-guerra transnacional foi publicado em italiano.²⁶

Antifa – O Manual Antifascista é, portanto, o primeiro livro a traçar os amplos contornos do antifascismo pós-guerra transnacional em inglês e o mais abrangente em seu alcance cronológico e escopo de exemplos nacionais em qualquer idioma. Dada a escassez de informações sobre o antifascismo do pós-guerra, fui forçado a confiar principalmente em artigos e relatos da imprensa tradicional e antifascista, e em entrevistas com atuais e antigos antifascistas. Uma razão para que tais estudos não tenham se materializado no passado é a relutância geral dos antifascistas em arriscar expor suas identidades falando com jornalistas e acadêmicos. A maioria dos militantes antifa-

tant Anti-Fascism: A Hundred Years of Resistance (Oakland: AK Press, 2015).

²⁶ Gilles Vergnon, *L'antifascisme en France: de Mussolini à le Pen* (Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2009); Réseau No Pasaran, *Scalp 1984 - 1992: comme un indien métropolitain* (Paris: No Pasaran, 2005); Jan Jänte, *Antirasismens Många ansikten* (PhD diss, Ume. Universitet, 2013); Adrien Alexander Wilkins, “Vold og Motvold—Antifascistisk voldbruk i Norge 1990–2001” (tese de mestrado em andamento); Valerio Gentili, *Antifa: Storia contemporanea dell'antifascismo militante europeo* (Rome: Red Star, 2013).

cistas opera em vários graus de sigilo para se proteger da reação fascista e policial. Minha capacidade de conduzir entrevistas com antifascistas norte-americanos e europeus dependia inteiramente das relações que estabeleci ao longo de mais de quinze anos como militante organizado. Minhas “credenciais” radicais permitiram que eu usasse redes antifascistas para falar, muitas vezes sob condição de anonimato, com 61 antifascistas: 26 de 16 estados americanos e 35 ativos no Canadá, Espanha, Reino Unido, França, Itália, Holanda, Alemanha, Dinamarca, Noruega, Suécia, Suíça, Polônia, Rússia, Grécia, Sérvia e Curdistão. Também entrevistei 8 historiadores, ativistas, ex-hooligans e outros, dos EUA e Europa, sobre o antifascismo em seus países. Todas as traduções são minhas, salvo quando indicado o contrário.

No entanto, não faço qualquer afirmação de que essa seja uma história abrangente ou definitiva do antifascismo em geral, nem do desenvolvimento desses movimentos nacionais em particular. Como isso não passa de uma história, é uma história impressionista que visa rastrear de forma concisa os temas amplos e os desenvolvimentos de 17 países ao longo de mais de um século por meio da costura de suas vinhetas particulares. Este objetivo mais modesto foi necessário não apenas pela relativa falta de fontes e trabalhos acadêmicos, mas também por um prazo apertado. Este livro foi pesquisado e escrito durante um período relativamente curto, a fim de disponibilizar suas contribuições o mais rápido possível, em meio ao clima tumultuado do início da Era Trump. Portanto, este livro é um exemplo de história, política e teoria em andamento.

Ele prioriza a necessidade imediata de disponibilizar as percepções e experiências de velhos e novos antifascistas de dois continentes durante os anos em que esperamos por estudos mais abrangentes. Obviamente, tais trabalhos são vitalmente necessários e, com sorte, muitos serão escritos no futuro, eclipsando o que este livro tem a oferecer.

Embora os historiadores geralmente tentem preservar pelo menos uma fachada de neutralidade ao analisar seus sujeitos históricos, eu concordo com o historiador Dave Renton que “não se pode ser neutro quando se escreve sobre o fascismo, não há nada positivo a ser dito sobre isso”.²⁷ Deveríamos ser mais cautelosos com aqueles que são verdadeiramente neutros em relação ao fascismo do que aqueles que honestamente defendem sua oposição ao racismo, genocídio e tirania.

Por causa das restrições de tempo, tive que limitar o livro aos EUA, Canadá e Europa. É importante enfatizar que o antifascismo tem desempenhado um papel crucial nas lutas ao redor do mundo no último século. Antifascistas de todo o mundo viajaram para a Espanha para lutar nas Brigadas Internacionais. Hoje existem grupos antifas na América Latina, no leste da Ásia, na Austrália e em outros lugares. A minha escolha em omitir considerações sérias sobre esses grupos não deve ser interpretada como um deslize, mas sim como uma lamentável necessidade dada a falta de tempo e o fato de que, como historiador da Europa moderna, eu me voltei para os conhecimentos e contatos que já havia estabelecido antes.

²⁷ Dave Renton, *Fascism: Theory and Practice* (London: Pluto, 1999), p. 18.

Além disso, meu tratamento dado à Europa inclina-se fortemente para a Europa Ocidental e Central, apesar de algumas das mais intensas lutas antifascistas dos últimos anos terem ocorrido no Leste Europeu. Mais uma vez, isso se dá pelo fato de que tenho mais contatos na Europa Ocidental e as informações que existem sobre o antifascismo da Europa Oriental em inglês estão fragmentadas. Finalmente, meu foco é no antifascismo enquanto os regimes fascistas ou fascistóides não estão no poder (ou seja, a Itália antes de 1926, a Alemanha antes de 1933, a Espanha antes de 1939, etc.).

Obviamente, a resistência dos *partisans* dos anos 1940 e sua oposição armada a Franco nas décadas seguintes foram o epítome do antifascismo e merecem ser estudados. Dados os limites de tempo e espaço, priorizei a análise do antifascismo em seu estágio preventivo – isto é, quando o fascismo não tem a força total do Estado por trás dele –, porque essa é a situação em que os leitores se encontram hoje. Eu me arrependo dessas restrições e reforço esperançosamente que meus trabalhos futuros terão estruturas mais expansivas.

A Europa e os EUA testemunharam uma crise alarmante para a direita nos últimos anos em resposta à crise econômica de 2008, com as medidas de austeridade, as tensões de uma economia cada vez mais pós-industrial, mudanças culturais e demográficas, migração e a chegada de refugiados da Guerra Civil na Síria – conhecida como a “crise dos refugiados” pela direita europeia. Esses fatores fomentaram a ascensão de partidos de extrema-direita “respeitáveis”, como o francês *Front National*, o holandês Partido Para Liberdade, o Partido da Liberdade da Áus-

tria, e organizações xenófobas, como o alemão Patriotas Europeus Contra a Islamiização do Oeste, conhecido como PEGIDA. O Capítulo 3 discute sua ascensão e como eles se colocam como um desafio para a organização antifa.

No mesmo capítulo, discuto o desenvolvimento da *alt-right* (ou, direita alternativa) e as faixas que políticas de extrema-direita despertaram durante a bem-sucedida candidatura de Donald Trump para a presidência dos EUA em 2016. Nos primeiros trinta e quatro dias após sua eleição, mais de 1.094 “incidentes de preconceito” foram relatados, de acordo com o *Southern Poverty Law Center*. Os crimes de ódio aumentaram em 94% na cidade de Nova Iorque nos primeiros dois meses de 2017, em comparação ao mesmo período em 2016, com mais da metade tendo sido cometidos contra judeus. Mesquitas no Texas, Flórida e em outros lugares foram incendiadas. Esses ataques resultaram de um aumento no número de “grupos de ódio”, especificamente grupos antimusulmanos, e “esforços sem precedentes” dos supremacistas brancos de recrutamento nos campi universitários.²⁸ E a lista continua. Embora a erradicação desse ódio reacionário exija uma organização

²⁸ Mark Potok, “The Year in Hate and Extremism,” *SPLC*, 15 de fevereiro de 2017: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2017/year-hate-and-extremism>; Adam Peck, “Hate Crimes in New York City have Skyrocketed this year,” *ThinkProgress*, 2 de março de 2017: <https://thinkprogress.org/hate-crimes-in-new-york-city-have-skyrocketed-this-year-907ffb24cac8>; Susan Svrluga, Unprecedented effort by white supremacists to recruit and target college students, group claims, *Washington Post*, 6 de março de 2017: https://www.washingtonpost.com/news/grade-point/wp/2017/03/06/unprecedented-effort-by-white-supremacists-to-recruit-and-target-college-students-group-claims/?utm_term=.568b82e1cc43.

em todas as frentes para projetar uma visão revolucionária alternativa, em curto prazo, os antifascistas estão entre os mais comprometidos com a eliminação de racistas, antissemitas e islamofóbicos. Como disse Walter Tull, cofundador da ARA (Ação Antirracista) de Montreal, “o trabalho dos antifascistas é fazer com que os fascistas tenham muito medo de agir publicamente e também atuar como alvos voluntários do seu ódio e ataques, o que pode impedir-lhes de queimar a mesquita mais próxima”.²⁹

Substituí este trabalho como *O Manual Antifascista* porque é um livro de referência relativamente breve, esparçadamente útil, destinado a promover a organização contra o fascismo, a supremacia branca e todas as formas de dominação. Cabe ao leitor determinar a utilidade prática deste trabalho. No entanto, o mínimo de 50% dos direitos autorais irá para o Fundo de Defesa Antifascista Internacional, que é administrado por mais de 300 antistas de 18 países. Depois de escolher o subtítulo, fiquei sabendo que a London Gay Activist Alliance escreveu um panfleto chamado “Um Manual Antifascista” em 1979, em meio ao terror da Frente Nacional (*National Front*). O livro *Antifa* pretende carregar o legado de uma escrita antifascista informativa e espera impulsionar a publicação de manuais ainda mais antifascistas no futuro. Espero que a obra ajude e inspire aqueles que tomarão a luta contra o fascismo nos próximos anos, para que chegue o dia onde este livro não seja mais necessário.

²⁹ Entrevista com Walter Tull, maio de 2017.

1

**!NO PASARÁN!
O ANTIFASCISMO ATÉ 1945.**



Na noite de 23 de abril de 1925, uma reunião política foi marcada na rua Damrémont, no bairro de Montmartre, em Paris. Uma reunião como essa, certamente, não era incomum para esse distrito de trabalhadores radicalizados. Mas esse não era um encontro comum. Afinal, nessa inofensiva quinta-feira, o orador de honra era Pierre Taittinger – líder da recém fundada organização fascista *Juinesses Patriotes*.³⁰ Taittinger, que mais tarde fundaria a famosa empresa de champagne que leva seu nome, estava nos seus trinta e poucos anos e levava uma vida alinhada com o crescente movimento fascista. Criado em uma família católica nacionalista, ele trabalhou como balconista antes de servir com distinção na Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, ganhou acesso ao poder político e financeiro quando se casou com a filha de um banqueiro bem relacionado. Na década de 1920, se viu à frente dos *Juinesses Patriotes*, uma organização com mais de 100 mil membros organizados em destacamentos militares que desfilavam ao som de tambores e cornetas pelas ruas de Paris, enfeitados com camisas azuis e boinas pretas.³¹

Os comunistas locais de Montmartre resolveram encerrar essa reunião em seu território como aquilo que era: uma ameaça. Alguns deles conseguiram entrar na reunião

³⁰ N. do T.: Jovens Patriotas.

³¹ Robert Soucy, *French Fascism: The First Wave, 1924–1933* (New Haven: Yale University Press, 1986), p. 39–55.

e foram capazes de lançar insultos e ameaças ao líder fascista enquanto ele discursava, mas não foi o suficiente para atrapalhar o processo. Quando Taittinger e seus paramilitares deixaram o local por volta das 23h30, ele contou que “havia uma atmosfera de tumulto. Uma multidão nas calçadas, clamando ódio e raiva, cantando a ‘Internacional’ diante de uma linha fina de policiais que eram incapazes de fazer muito”.³² Eles logo descobririam que as luzes da rua haviam sido quebradas para permitir que um esquadão de comunistas fosse capaz de se manter escondido nas sombras. Como recorda Taittinger,

... Tiros de revólver estalararam: nós fomos pegos numa emboscada. Companheiros heroicos se lançaram na frente de seu líder para protegê-lo com seus corpos. Dois deles tombaram. Os feridos caíram sangrando. [Nós] recuamos em direção à estação de metrô de Mont-Cenis, levando nossos feridos [e] partindo de metrô.³³ Quatro *Jennesses Patriotes* caíram mortos. Mais trinta ficaram feridos.³⁴ No dia seguinte, o periódico comunista *L’Humanité* se manteve irreduzível: “Os fascistas colheram o que plantaram. Os trabalhadores não vão tolerar que alguém os desafe em seu território. A experiência da Itália e da Alemanha é muito forte no coração de todos os proletários para permitir que isso aconteça novamente por aqui”.³⁵

³² Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 55–56; *Le Figaro*, 24 de abril de 1925.

³³ Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 55–56.

³⁴ *Ibid.*, p. 56.

³⁵ *L’Humanité*, 24 de abril de 1925.

Comunistas matando fascistas por realizar uma reunião? Como as coisas chegaram a isso? Para encontrar a resposta, talvez precisemos voltar a 1898, no auge do Caso Dreyfus na França, quando as tensões sobre o julgamento do capitão judeu Alfred Dreyfus atingiram seu ponto de ruptura. Vários anos antes, Dreyfus havia sido preso (equivocadamente) por supostamente ter revelado segredos militares aos alemães. No entanto, a prova posterior de sua inocência fragmentou a sociedade francesa entre anticlericais, “Dreyfusianos” de esquerda e militaristas antissemitas. Entre os exemplos mais notáveis deste último estavam três grupos proto-fascistas: a *Ligue antisémittique de France*,³⁶ a *Ligue des Patriotes*³⁷ e a *Ligue de l’Action Française*.³⁸ Essas ligas se opunham ferozmente ao marxismo e ao parlamentarismo da Terceira República Francesa e eram altamente nacionalistas, incrivelmente capazes de organizar conturbadas mobilizações de rua, tática que havia sido exclusiva da esquerda por décadas. Com o crescimento do movimento “Dreyfusiano”, as ligas organizaram estridentes protestos em defesa dos militares junto a uma multidão de milhares de pessoas enfurecidas nas ruas, que atacaram negócios e estabelecimentos judeus em meio a gritos de “Morte aos Yids!”.³⁹

No entanto, onde havia protofascismo, havia também proto-antifascismo. Os anarquistas e membros do

³⁶ N. do T.: Liga Antissemita da França.

³⁷ N. do T.: Liga dos Patriotas, organização-irmã dos *Jennesses Patriotes*.

³⁸ N. do T.: Liga da Ação Francesa.

³⁹ Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 1–5; Martin P. Johnson, *The Dreyfus Affair: Honour and Politics in the Belle Époque* (New York: St. Martin’s Press, 1999), p. 88–94.

antiparlamentar *Parti ouvrier socialiste révolutionnaire*⁴⁰ formaram uma *Coalition révolutionnaire* para desafiar as gangues reacionárias “na rua gloriosa, a rua de enérgicos protestos, a rua das barricadas”.

E eles os desafiarão. A coalizão protegeu os militantes Dreyfusianos e as testemunhas do caso a caminho do tribunal. Eles infestaram a cidade com cartazes reivindicando o espaço público dos antrissemitas, iniciando uma ofensiva contra os anti Dreyfusianos, protagonizando contra-protestos e até mesmo se infiltraram dentro da organização, interrompendo uma série de grandes reuniões. Conforme a infiltração dos radicais nas reuniões anti Dreyfus foi ficando mais complicada, o anarquista Sébastien Faure conseguiu forjar convites para participar de uma reunião da “oposição” em um restaurante local de Marselha. Infelizmente, os que chegaram com os convites forjados foram impedidos de entrar, sendo obrigados a dar a volta e quebrar uma porta de vidro para conseguir invadir o restaurante e atrapalhar o processo.⁴¹

No ano seguinte, em 1899, Dreyfus foi absolvido, embora tivesse que esperar até 1906 para sua total exoneração. No entanto, as ligas anti Dreyfusianas, especialmente a *Action Française*, que o historiador Ernst Nolte argumenta ser “o primeiro agrupamento político a ter influência ou status intelectual que carregou traços inconfundivelmente fascistas”,⁴² conseguiram infundir o nacionalismo milita-

⁴⁰ N. do T.: Partido dos Trabalhadores Socialistas Revolucionários.

⁴¹ Jean-Marc Izrine, *Les libertaires dans l'affaire Dreyfus* (Paris: Alternative libertaire, 2012), p. 72, 76, 105.

⁴² Ernst Nolte, *Three Faces of Fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism* (London: Weidenfeld and Nicolson,

risa com o populismo de rua, prenunciando o fascismo do próximo século, sendo um avanço marcante para as políticas de direita.

Enquanto Nolte cita a *Action Française* como o primeiro grupo proto-fascista, o historiador Robert Paxton argumenta que “o fascismo (entendido funcionalmente) nasceu no final da década de 1860 no sul dos Estados Unidos”⁴³ com o surgimento da Ku Klux Klan (KKK). Paxton aponta seus peculiares uniformes encapuzados, métodos de intimação violenta e criação de redes alternativas de autoridade como uma reminiscência daquilo que se tornou o fascismo no século XX.⁴⁴ Em resposta à violência da Klan contra a participação negra na Liga Sindical e no Partido Republicano (e contra os negros mais amplamente) nas décadas de 1860 e 70, os membros da Liga boicotaram os *Klansmen*,⁴⁵ organizando grupos armados de autodefesa e, em alguns casos, até mesmo incendiando as plantações de antigos senhores de escravos.⁴⁶

Passando para a década de 1890, Ida B. Wells⁴⁷ lançou uma significativa campanha antilinchamento através de seu artigo “Liberdade de Expressão” e o inovador panfleto

1965), p. 25–26.

⁴³ Robert O. Paxton, “The Five Stages of Fascism,” *Journal of Modern History* 70, no. 1 (1998): p. 12.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ N. do T.: Como eram conhecidos os membros da Ku Klux Klan.

⁴⁶ Steven Hahn, *A Nation Under Our Feet: Black Political Struggles in the Rural South From Slavery to the Great Migration* (Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2003), p. 267–87.

⁴⁷ N. do T.: Ida B. Wells foi uma jornalista, sufragista, feminista e socióloga negra norte-americana.

Southern Horrors.⁴⁸ Wells, que carregava uma pistola com ela para onde quer que fosse, defendeu ardentemente o direito à autodefesa negra. Quando um grupo de afro-americanos incendiou uma cidade de Kentucky em retaliação a um recente linchamento, ela escreveu que “eles mostram algumas faíscas de hombridade com seu ressentimento... Não até que o negro se levante em sua força e se resinta destes assassinaros a sangue frio, se ele queimar cidades inteiras, uma trégua será oferecida ao linchamento”.⁴⁹

Embora não sejam totalmente alheias, as origens históricas do fascismo italiano e do nazismo alemão – e o antifascismo revolucionário que estes produziram – podem ser desenterradas ao examinar um conjunto de diferentes precedentes históricos, desde o terror racial nos EUA, começando pouco depois da Revolução Francesa, quando a ordem monárquica europeia foi restaurada em 1815. A partir de então, a política revolucionária europeia girou em torno da ameaça iminente do republicanismo liberal à esquerda e da defesa aristocrática da monarquia tradicional à direita. Esse conflito se intensificou com as revoluções europeias de 1848 na França, na Hungria e na atual Alemanha e além, quando republicanos e seus partidários das classes mais baixas tomaram as barricadas para derrubar os regimes monárquicos do continente e substituí-los por estados-nação republicanos. Nesse ponto, a recém-concebida noção de nacionalismo era, em grande parte, reservada à esquerda que contrapunha à soberania hereditária das tradicionais dinastias dominantes da Europa.

⁴⁸ N. do T.: Horrores Sulistas.

⁴⁹ Philip Dray, *At the Hands of Persons Unknown: The Lynching of Black America* (New York: Random House, 2002), p. 59, 70.

Em última análise, a maioria das revoluções nacionais de 1848 falhou. Entretanto, à medida que seus trágicos acontecimentos se desdobravam, eclodiram divisões entre estadistas aspirantes e um movimento operário cada vez mais poderoso e revolucionário, o que afastava muitos liberais da revolução para os braços da elite tradicional. Como escreveu o historiador Eric Hobsbawm, “confrontados com a revolução ‘vermelha’, os liberais moderados e conservadores se uniram”. As elites econômicas estavam dispostas a conceder muitas das demandas liberais na década seguinte, se em troca estes abandonassem a revolução.⁵⁰

Todavia, o espectro de sublevação de “baixo para cima” forçou muitas elites conservadoras a levarem a sério a política popular e a noção liberal de “opinião pública”, talvez pela primeira vez na história. Prenunciando elementos do fascismo do século XX, o imperador francês Napoleão III procurou suprimir a classe trabalhadora da política, enquanto apelava à população por meio do cultivo de sua imagem masculina. Na Alemanha, Otto von Bismarck usou a política da *cenoura no palito*⁵¹ para desenvolver um nascente estado de bem-estar social, privando o socialismo de sua potencial base de apoio e implementando leis antisocialistas em 1878. Um ano depois, em 1879, o político liberal inglês William Gladstone introduziu na Europa as

⁵⁰ E. J. Hobsbawm, *A era do capital: 1848 - 1875* (Paz & Terra, 2012), p. 15-16.

⁵¹ N. do T.: Grosso modo, a política da cenoura no palito consistia em oferecer à população uma combinação de punições e recompensas a fim de incentivar bom comportamento. O termo se origina de uma ilustração de um jumento com uma vareta arramada no próprio lombo, na ponta dessa vareta há uma cenoura que o distrai do que acontece ao seu redor.